

AFINAL, PORQUE E PARA QUE ENSINAMOS HISTÓRIA? UMA EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Dayane Bernal Aniceto¹

Resumo: O artigo aborda os desafios contemporâneos do ensino de História, baseado na experiência de uma aluna residente no Programa Residência Pedagógica na Escola Estadual Fátima Gaiotto Sampaio, Nova Andradina-MS. A pesquisa envolveu observações de aulas de História do Ensino Médio e questionários aplicados aos alunos do 3º ano. Os resultados destacaram problemas como o desinteresse e a apatia dos/as alunos/as, especialmente os/as que trabalham, além da desvalorização dos/as professores/as de História. Mesmo com 90% dos/as alunos/as considerando a disciplina importante, o envolvimento durante as aulas é baixo. O artigo sugere a necessidade de reavaliar o currículo e implementar abordagens pedagógicas mais engajadoras, citando autores/as como Isabel Barca, Jörn Rüsen, Luis Fernando Cerri e Jorge Larrosa Bondía, que defendem métodos que conectem o conteúdo histórico com a realidade dos/as alunos/as, promovendo uma compreensão crítica e contextualizada do passado e sua relevância no presente.

Palavras-chave: Ensino de ensino, Residência Pedagógica, Consciência histórica

Abstract: The article addresses contemporary challenges in teaching History, based on the experience of a resident student in the Pedagogical Residency Program at Fátima Gaiotto Sampaio State School, Nova Andradina-MS. The research involved observing high school History classes and administering questionnaires to 3rd-year students. The results highlighted issues such as student disinterest and apathy, especially among working students, as well as the undervaluation of History teachers. Despite 90% of students considering the subject important, classroom engagement is low. The article suggests the need to reevaluate the curriculum and implement more engaging pedagogical approaches, citing authors like Isabel Barca, Jörn Rüsen, Luis Fernando Cerri, and Jorge Larrosa Bondía, who advocate for methods that connect historical content with students' realities, promoting a critical and contextualized understanding of the past and its relevance to the present.

Keywords: Teaching of History, Teaching residency, Historical consciousness

Introdução

O artigo acadêmico em questão apresenta os principais desafios do ensino e da aprendizagem de História atualmente, com base nos dados coletados através da experiência dentro dos 18 (dezoito) meses participando, como aluna residente bolsista, do Programa Residência Pedagógica² na Escola Estadual Fátima Gaiotto

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina. Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski.

² O Programa de Residência Pedagógica, coordenado pela CAPES, visa promover projetos institucionais nas Instituições de Ensino Superior. Tem como objetivo principal aprimorar a formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. Através do Programa de Residência Pedagógica, estudantes participam ativamente de atividades em escolas de educação básica, sob supervisão de/a professores/as experientes, proporcionando uma experiência prática e integradora que complementa a formação teórica acadêmica.

Sampaio, da cidade de Nova Andradina-MS. A pesquisa focou em observações das aulas de História do Ensino Médio, coletadas a partir do período de observações das aulas de História, nas turmas da manhã e da noite, e com a análise de questionário aplicado às turmas do 3º ano do Ensino Médio, com 14 (catorze) questões, sendo 05 (cinco) específicas sobre a Disciplina de História na visão dos/as alunos/as, que revelam uma série de desafios que dificultam a eficácia do ensino da disciplina.

Um dos pontos observados durante a vivência dentro do Programa Residência Pedagógica foi o alto número de alunos/as trabalhadores/as, especialmente nas turmas noturnas, que chegam à escola exaustos/as e com pouca energia para se engajar nas atividades propostas. Além disso, a apatia geral dentro da sala de aula e o desinteresse específico pela disciplina de História são fenômenos preocupantes que contribuem para um ambiente de aprendizagem pouco produtivo e apesar de 90% dos/as alunos/as considerarem a disciplina importante e interessante, como mostra o questionário aplicado, há no cotidiano escolar, um desinteresse e falta de engajamento durante as aulas da disciplina de História. Muitos/as estudantes demonstram desinteresse nas atividades propostas pelos/as docentes, resultando em baixa participação e um aprendizado superficial. O artigo, portanto, tem como objetivo não apenas identificar e descrever esses desafios, mas também propor soluções práticas que possam ser aplicadas para melhorar a qualidade do ensino de História, promovendo um ambiente mais engajador e um aprendizado que pretende transformar a história em uma ferramenta para uma compreensão mais profunda da experiência humana e da sociedade em que vivemos.

A escolha do tema sobre os principais desafios do ensino e da aprendizagem de História na atualidade, especialmente no contexto da Escola Estadual Fátima Gaiotto Sampaio, foi motivada por uma série de observações e experiências adquiridas durante a participação no programa Residência Pedagógica. Como pesquisadora e futura educadora, testemunhei de perto as dificuldades enfrentadas tanto por alunos/as quanto por professores/as no ambiente escolar, particularmente nas turmas do Ensino Médio. A percepção de apatia e desinteresse dos/as alunos/as, combinada com a exaustão dos/as alunos/as trabalhadores/as, revelou um cenário preocupante que exige atenção urgente. A redução da carga horária da disciplina de História pela nova Lei do Ensino Médio, Lei n.º 5230/2023, trouxe à

tona a necessidade de reforçar a importância das ciências humanas no currículo escolar.

Além disso, a desvalorização profissional dos/as docentes de História, manifestada em baixos salários e condições de trabalho desfavoráveis, contribui para a falta de motivação e engajamento de alguns/mas professores/as, impactando diretamente a qualidade do ensino. O estudo deste tema é crucial, pois pretende não apenas diagnosticar e entender as raízes desses problemas, mas também buscar soluções que possam transformar a dinâmica da sala de aula, promover um maior interesse pela disciplina e valorizar o papel do/a professor/a de História. A relevância do estudo reside na possibilidade de levantar questionamentos e refletir sobre concepções teórico-metodológicas, que permitam melhorar práticas pedagógicas e, sobretudo, proporcionar uma educação em uma perspectiva da educação histórica, de uma maneira significativa e engajadora para os/as alunos/as, preparando-os/as de forma mais abrangente e crítica para a cidadania e para uma compreensão do mundo em que vivem.

Para que possamos refletir sobre essas questões, iremos nos basear em importantes contribuições de diversos/as autores/as que abordam a educação e o ensino de História sob diferentes perspectivas, com ênfase na necessidade de uma abordagem mais engajadora e significativa. Isabel Barca, em suas obras "Aula Oficina: Do Projeto à Avaliação" (2004) e "Educação e Consciência Histórica na Era da Globalização" (2011), oferece uma visão inovadora para o ensino de História através do conceito de "Aula Oficina". Uma abordagem que promove um ambiente de aprendizagem dinâmico e interativo, onde os/as alunos/as são incentivados/as a participarem ativamente do processo educativo, construindo o conhecimento histórico de maneira colaborativa e reflexiva. Barca (2004) argumenta que a "Aula Oficina" facilita a compreensão histórica ao conectar os conteúdos ensinados com a realidade vivida pelos/as alunos/as, promovendo uma consciência histórica crítica e contextualizada.

Complementando essas ideias, Jörn Rüsen, no livro "Jörn Rüsen e o ensino de História" (Schmidt *et al.* 2010), destaca a importância de desenvolver com os/as alunos/as a capacidade de entender e interpretar o passado de forma crítica e reflexiva. Rüsen propõe que o ensino de História deve ir além da simples transmissão de fatos e datas, enfocando a formação de uma consciência histórica que permita aos/as alunos/as compreenderem as complexidades e as dinâmicas das

transformações sociais ao longo do tempo. Essa abordagem é crucial para preparar os/as estudantes para enfrentar os desafios contemporâneos, ajudando-os a fazer conexões entre o passado e o presente e a atuar como cidadãos/ãs informados/as e críticos/as.

Luis Fernando Cerri (2011), em seu texto “Ensino de História e Consciência Histórica”, pontua como os seres humanos adquirem consciência do seu passado ou do passado de seu povo e como as pessoas aprendem História. Em relação ao campo de investigação dos/as teóricos/as da História e do ensino de História, o autor busca explicar o que é a consciência histórica e como ela se forma. Para Cerri (2011) o ensino de história desempenha um papel significativo na sociedade, embora não seja o único, nem sempre o mais decisivo, nos processos de formação e transformação das consciências históricas, em outras palavras, para o autor, a maneira como as pessoas percebem e entendem a história é resultado de uma interação complexa entre a educação formal e outros fatores, sociais, culturais, políticos e individuais.

Assim, o ensino de História não pode ser visto como uma ferramenta isolada, mas como parte de um conjunto maior de influências que moldam a compreensão dos indivíduos sobre o passado e seu impacto no presente e no futuro. Para o autor, a consciência histórica é o processo humano e mental de articulação de passado, presente e futuro, algo que todo mundo faz, a partir de algo que está no passado, que foi vivenciado, ou da vivência de outras pessoas. O presente é o que nos obriga a tomar decisões, o aspecto da decisão que tomamos, que podem ser coisas corriqueiras, do dia a dia, como o que eu vou beber ou comer de café da manhã, até as grandes coisas: para quem vamos votar para presidente do país? Situações que para o autor são exemplos não somente da consciência histórica, mas momentos em que a consciência histórica se manifesta. Dessa forma,

Projeto o futuro, imediato, de médio prazo ou distante, e com isso tomo as decisões que me permitem agir, porque nunca ajo apenas para que hoje seja igual a ontem, mas trabalho a partir da possibilidade de que no amanhã se realizem minhas expectativas, mesmo que de um cotidiano pacato e seguro.
(Cerri, 2011, p. 15)

A consciência histórica, conforme descrita, não se restringe à mera memória do passado, mas inclui projeções e interpretações que orientam ações no presente e

no futuro. Portanto, o ensino de História é fundamental não apenas para a compreensão do passado, mas também para o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva sobre as implicações históricas nas escolhas individuais e coletivas. Além disso, Jorge Larrosa Bondía, em seu texto "Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência" (2002), oferece uma reflexão sobre a importância da experiência no processo educativo. Bondía (2002) argumenta que a educação deve proporcionar experiências significativas que vão além do aprendizado formal e teórico. No contexto do ensino de História, isso significa criar oportunidades para que os/as alunos/as vivenciem e reflitam sobre o passado de maneira que faça sentido em suas vidas pessoais e coletivas. A experiência educativa, segundo Jorge Larrosa Bondía (2002), deve ser transformadora, permitindo que os/as alunos/as não apenas adquiram conhecimento, mas também desenvolvam uma compreensão profunda e crítica do mundo ao seu redor.

A convergência dessas perspectivas teóricas ressalta a necessidade de um ensino de História que valorize a educação histórica como um processo ativo e participativo. A implementação de metodologias como a "Aula Oficina", aliada à formação de uma consciência histórica crítica e à valorização da experiência educativa, pode transformar a dinâmica da sala de aula e promover um aprendizado mais significativo e engajador. Este estudo, portanto, busca não apenas identificar os desafios enfrentados no ensino de História, mas também propor soluções fundamentadas nas contribuições teóricas desses/as autores/as, visando a melhoria contínua da prática pedagógica e o fortalecimento do papel do ensino de História na formação cidadã dos/as alunos/as.

Os passos da pesquisa foram meticulosamente planejados e executados para garantir uma coleta de dados abrangente e uma análise aprofundada dos desafios do ensino de História. Inicialmente, foram realizadas observações diretas das aulas de História durante os turnos matutino e noturno, dentro do Programa Residência Pedagógica, com foco nas turmas do 3º ano do Ensino Médio ministradas pela professora Ivone Defaveri e pelo professor Rogério Ribeiro Antonio. Essas observações permitiram captar a dinâmica das aulas, o nível de engajamento dos/as alunos/as e as metodologias empregadas pelos/as docentes.

Em seguida, foi desenvolvido e aplicado um questionário direcionado aos/as alunos/as dessas turmas, do período matutino e do noturno e também a uma turma de outra escola da região que atua em tempo integral. O questionário aborda temas

específicos, como as lembranças dos/as alunos/as sobre os tópicos estudados em História no ensino fundamental e médio, as atividades realizadas nas aulas que mais despertaram interesse, e a percepção dos/as alunos/as sobre o sentido e a importância de estudar História. A aplicação do questionário permitiu coletar dados quantitativos e qualitativos que foram fundamentais para a análise subsequente.

Paralelamente, a pesquisa se beneficiou das discussões teóricas realizadas durante as reuniões mensais do Programa Residência Pedagógica. Essas reuniões proporcionam um espaço para reflexão e troca de ideias com os/as demais residentes, professores/as preceptores/as e a orientadora do programa. Foram debatidas abordagens pedagógicas inovadoras e estudos de caso, incluindo aulas práticas, como a visita ao cemitério Santa Bárbara de Nova Andradina para explorar o patrimônio material e imaterial.

Finalmente, a análise dos dados coletados foi enriquecida pela revisão da literatura especializada em educação histórica. As contribuições teóricas de autores/as como Isabel Barca, Jörn Rüsen e Jorge Larrosa Bondía foram fundamentais para contextualizar os achados da pesquisa e propor estratégias pedagógicas que possam melhorar o ensino de História. Essa combinação de métodos de coleta de dados, observação direta, aplicação de questionários e discussão teórica proporcionou uma base sólida para entender os desafios enfrentados e sugerir soluções viáveis para aprimorar o ensino de História nas escolas.

Organizamos a pesquisa de forma sistemática, iniciando com a introdução do tema, apresentando a justificativa e motivação para realizá-la, destacando a importância do estudo e o contexto específico da Escola Estadual Fátima Gaiotto Sampaio. Em seguida, apresentamos a revisão de Literatura, que permite discutir as contribuições teóricas de autores/as renomados/as como Isabel Barca, Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Luis Fernando Cerri, Flávia Eloisa Caimi e Jorge Larrosa Bondía, que fundamentam a necessidade de uma abordagem engajadora e significativa para o ensino de História. Na sequência, vamos detalhar os passos da pesquisa, incluindo observações diretas nas aulas de História durante os turnos matutino e noturno, a aplicação de questionários aos/às alunos/as do 3º ano do Ensino Médio, e as discussões teóricas realizadas durante o Programa Residência Pedagógica.

A análise dos dados apresenta e discute os resultados obtidos com os questionários, revelando desafios como a apatia de alunos/as, a falta de engajamento e os impactos da nova Lei do Ensino Médio. Na discussão, essas questões devem ser relacionadas com as teorias abordadas na revisão de literatura, propondo soluções práticas e metodologias para melhorar o ensino de História. Finalmente, seguimos para a conclusão que resume os principais pontos discutidos e oferece recomendações para futuras pesquisas e práticas pedagógicas, visando um ensino de História mais eficaz e significativo.

O ensino de história na perspectiva da educação histórica

Entremos no espaço onde teoria e prática se encontram! Durante o programa de Residência Pedagógica, exploramos as múltiplas demandas da escola, da sala de aula e do trabalho do/a professor/a, mergulhando nos diversos aspectos que permeiam o processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as. Uma jornada que foi profundamente significativa. Durante as discussões teóricas e metodológicas, refletimos sobre como a teoria nasce de uma prática, como Paulo Freire esclarece “[...] quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (Freire, 1996, p. 25).

Estudar sobre uma práxis transformadora de prática aliada a uma teoria eficiente é essencial para derrubar ideias e preconceitos que trazemos conosco, e que muitas vezes levamos para a sala de aula. “Olhar com os próprios olhos”, as principais demandas do processo de ensino e aprendizagem, os desafios, anseios, incertezas e analisar a prática pedagógica em relação ao ensino de História, em vários aspectos, foi fundamental durante o processo de observação das aulas no Programa Residência Pedagógica. Estar em sala de aula é necessário e fundamental para a formação acadêmica e profissional do/a professor/a de História. A partir dessa prática, refletimos sobre como ensinar História, quais as ferramentas são necessárias para uma aula que tenha significado, relevância e como envolver os/as alunos/as nas atividades propostas.

Flávia Eloisa Caimi (2015, p. 106) já tratava sobre essas e outras questões pertinentes ao ensino de história e aponta que "A escola brasileira, abrigando mais de 54 milhões de estudantes e cerca de dois milhões de professores na educação básica, tem se configurado como um lugar altamente desafiador para a docência."

Nessa perspectiva (Caimi, 2022, p. 11) revela que "[...] ensinar é fácil, bem mais difícil é fazer o outro aprender, bem mais difícil é criar condições para que outro sujeito possa mobilizar-se intelectualmente [...]", para a autora ensinar História, com todas as suas competências e finalidades, é fundamental ter pleno conhecimento do que se ensina. E expõe, que professores/as devem possuir certas capacidades próprias de seu trabalho e ir além daquilo que está proposto nos currículos escolares, tendo em vista que os conteúdos de história dispostos nos currículos são os resultados de decisões, cujo intuito é satisfazer os objetivos políticos daqueles/as que nos governam.

Todo professor de História, para poder ensinar, deve antes que nada, saber História. Para superar a escola vazia de conhecimentos significativos é necessário que os docentes alcancem um domínio complexo daqueles conteúdos que têm de ensinar, sob pena de se limitarem ao domínio da forma sem conteúdo. (Caimi, 2015, p. 112)

Como defende a autora em um provérbio muito citado (Caimi, 2015, p. 111) "Para ensinar História a João é preciso entender de ensinar, de História e de João", esses 3 elementos essenciais se articulam sobre o processo de ensino aprendizagem, os conhecimentos históricos e o universo do/a aluno/a, partem de uma perspectiva fundamental para obter resultados significativos. Fica claro, que para o/a professor/a de História, apesar de uma diversidade de demandas imbuídas no seu ofício, deve estar disposto/a a compreender esses três aspectos, em um sentido de desenvolver um trabalho que tenha significância e atinja os objetivos propostos. Nessa direção, diz Paulo Freire (1996) que é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de maneira em que em dado momento a teoria se torne a nossa prática.

É evidente que para isso, o essencial é revisar conceitos e práticas educacionais. Contudo, não desejamos levantar questões somente sobre a prática pedagógica dos/as profissionais da área da educação, não é o objetivo colocar sobre "as costas" do/a professor/a uma culpa que há tanto tempo lhe é destinada. Quando falamos sobre educação, no Brasil, precisamos lembrar que este é um campo multifacetado, complexo que apresenta problemas significativos em todas as esferas da nossa sociedade. É comum ouvirmos que basta o/a professor/a se "reinventar", tornar as aulas "atrativas" para os/as alunos/as, no intuito de produzir resultados. Mas, acreditamos que ir além do livro didático, ou da sala de aula, não

irá resolver todos os problemas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem de História, mas é um ponto de partida.

Posto isso, destacamos o quanto o presente trabalho é relevante e analisar de perto as práticas educacionais, referentes ao ensino de História, na Escola Estadual Professora Fátima Gaiotto Sampaio, foi uma vivência enriquecedora em muitos aspectos. Certas reflexões só foram possíveis porque estávamos presentes na sala de aula, acompanhando o processo de rotina escolar do/a professor/a preceptor/a do programa de Residência Pedagógica e envolvidos/as nas questões que norteiam os desafios do processo de ensino e aprendizagem, que discutimos demasiadamente durante as aulas da faculdade, no estágio supervisionado e no programa de Residência Pedagógica. A partir da observação ativa na sala de aula, foi possível constatar a presença de desafios significativos que permeiam o ambiente escolar, assim colocamos em prática um dos aspectos que Caimi (2022, p. 111) destaca: “Para ensinar História a João é preciso entender de ensinar História [...]”.

Um dos principais pontos observados em um primeiro momento, durante nossa participação no programa de Residência Pedagógica, foi a quantidade considerável de alunos/as faltosos/as nas salas de aula do período noturno, um aspecto limitante para o/a professor/a em relação a preparação das aulas, já que há uma rotatividade de alunos/as durante as mesmas, ou seja, nem sempre a professora preceptora na 1ª aula de segunda-feira, com a turma do 2º ano do Ensino Médio, lecionava para os/as mesmos/as alunos/as. Outra questão seria sobre como preparar aulas dinâmicas que geram impacto positivo no processo de ensino e aprendizagem, tendo que lidar com a questão da impontualidade durante as primeiras aulas do primeiro dia da semana. Lidar com o/a aluno/a trabalhador/a é um desafio que precisa ser considerado quando o assunto é alcançar um ensino de qualidade que permita o acesso a todos/as. A problematização dos aspectos apresentados deve levar em consideração que há para cada turma do Ensino Médio apenas uma aula de História de 50 minutos durante a semana, os/as professores/as precisam lidar com esse fato lamentável, herança advinda da nova Lei do Ensino Médio, Lei n.º 5230/2023 em vigor. Há muito conteúdo para pouco tempo de aula, logo percebemos que isso impacta negativamente todo o processo educacional, sobretudo para as aulas de História, uma vez que se torna mais simples, no dia a dia do/a professor/a, trabalhar com aulas expositivas, pois tendo um prazo enxuto para

expor conteúdos complexos, os/as profissionais expõem os conteúdos, geralmente em tópicos, em um formato tradicional, ou em resumos que são impressos para serem colados nos cadernos dos/as alunos/as.

Outro ponto que podemos destacar é a “apatia” que toma conta dos/as estudantes em relação às atividades propostas pelos/as professores/as. Sabemos o quanto é desafiador lidar com as distrações para alunos/as adolescentes na atualidade, é necessário muito empenho para lidar com a indisciplina, o uso excessivo de aparelho celular durante as aulas precisa ser repensado, ainda que haja um acordo entre discentes e docentes sobre esse fator, não existem garantias de que os combinados serão respeitados. Durante as aulas percebemos o esforço da professora em lecionar para alunos/as completamente distraídos/as, ora por seus *smartphones*, ora por parecerem exaustos/as, muitos até dormiam durante as aulas.

Fatores como esses, nos levam a pensar em atividades que trazem outros tipos de experiências nas aulas de história. Isabel Barca, em *Aula Oficina: Do Projeto a Avaliação* (2004) e *Educação e consciência histórica na era da globalização* (2011), entre outros autores, como Jörn Rüsen (2010) sobre Consciência Histórica e Jorge Larrosa Bondía no texto *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência* (2002), discutem sobre o ensino de História apresentando uma perspectiva de ensino que vale muito a pena ser colocada em pauta, sobretudo porque vai em uma direção contrária à predominância de aulas expositivas, com pouco envolvimento e participação dos/as alunos/as.

Isabel Barca (2004) defende um modelo para as aulas de História, chamada de “aula-oficina”, em que o/a professor/a é tido/a como um/a “investigador/a social” e argumenta que o ensino de história deve possibilitar que os/as alunos/as compreendam as múltiplas dimensões da experiência humana ao longo do tempo, desenvolvendo habilidades para analisar fontes históricas, reconhecer diferentes perspectivas e construir narrativas históricas bem fundamentadas, um ensino pleno com significado/significância, em uma perspectiva da educação histórica defendida pelos/as autores/as citados/as no presente trabalho. Para Barca (2011) a Educação Histórica tem sido destaque em vários países do mundo. Portugal e Espanha vêm se destacando neste campo investigativo, e nas duas últimas décadas também no Brasil. Nesse campo investigativo, o pensamento histórico do agente escolar é valorizado, a compreensão histórica deve ter significado para a vida do sujeito. O entendimento sobre conceitos próprios do campo da história, como evidência,

significância histórica, multi perspectiva e etc, significa compreender a realidade com uma lógica especificamente histórica, um processo de construção, e não apenas de memorização dos conteúdos.

Contudo, não é tão simples quanto parece, a prática é mais desafiadora que a teoria. Aplicar conhecimentos e métodos pedagógicos na prática pode ser mais desafiador do que entender conceitos teóricos, reconhecemos que para as mais diversas questões sobre o ensino de História, as demandas da sala de aula e o processo de ensino e aprendizagem, não cabem todas dentro de uma caixinha, não há uma teoria ou metodologia do tipo “receita de bolo” que aplicada na sala de aula vá resolver os grandes problemas e desafios enfrentados atualmente no ambiente educacional. Os desafios são imensos, a educação é um campo complexo e multifacetado, então não existe uma solução única, é preciso olhar além da sala de aula. Como bem argumenta Isabel Barca (2011) uma sociedade complexa exige respostas aos problemas educacionais, igualmente complexas.

Aulas de História que proporcionam uma aprendizagem significativa, permitindo que os/as estudantes explorem, experimentem e construam seu próprio conhecimento, na perspectiva de Barca (2004), ao vivenciarem situações reais e trabalharem em projetos práticos, os/as alunos/as desenvolvem habilidades essenciais para o mundo atual, como resolução de problemas, colaboração e criatividade. Além disso, a consciência histórica, como aponta Maria Auxiliadora Schmidt (2011), desempenha um papel fundamental no processo educacional. Através da compreensão crítica do passado e de sua relação com o presente, os/as alunos/as são capacitados/as a refletirem sobre sua própria identidade e a compreenderem melhor o mundo em que vivem. A história deixa de ser vista como uma disciplina estática e passa a ser um recurso vivo e relevante para a compreensão do presente. A consciência histórica permite que os/as alunos/as entendam as origens e as consequências das situações em que se encontram. Promove a empatia e a valorização da diversidade cultural.

Nessa perspectiva, Jorge Larrosa Bondía (2002) propõe uma valorização do saber da experiência como uma forma de conhecimento válido e enriquecedor. Reconhece-se que cada aluno/a possui um conjunto único de experiências de vida que podem contribuir significativamente para a aprendizagem. Ao incorporar o saber da experiência na educação, os/as educadores/as abrem espaço para a diversidade de perspectivas, promovendo uma participação ativa dos/as alunos/as no processo

de ensino-aprendizagem. Isso não apenas enriquece a discussão em sala de aula, mas também estimula o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento. Ao integrar esses conceitos os/as professores/as têm a oportunidade de criar ambientes de aprendizagem dinâmicos e estimulantes. Ora, se não é esse o caminho, qual seria?

Podemos dizer que no processo de ensino e aprendizagem, os conceitos de significado pleno e significância são interdependentes. Quando um/a aluno/a percebe a relevância (significância) do conteúdo, ele/a se torna mais motivado/e engajado/a, facilitando a construção de um entendimento profundo e abrangente (significado pleno). Da mesma forma, ao atingir um significado pleno, o/a aluno/a pode reconhecer ainda mais a relevância do que aprendeu, reforçando a significância do conhecimento.

Um exemplo prático nessa abordagem foi a aula sobre Patrimônio material e imaterial no cemitério Santa Bárbara em Nova Andradina-MS. É claro que poderíamos ter trabalhado a temática apenas em sala de aula, durante as reuniões semanais do Programa Residência Pedagógica, mas a professora orientadora buscou demonstrar na prática como “olhar além da sala de aula”, pode ser transformador para o processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no ensino de História.

Uma aula de campo, onde aprendemos sobre métodos de ensino, de pesquisa, entre outras possibilidades de conhecimento, observados a partir das orientações da professora. Claramente os objetivos propostos para aquela aula. A temática ganhou significado e, é certo que a partir da experiência em refletir sobre todos os aspectos do meio em que estávamos inseridos compreendemos o que a autora quer dizer ao afirmar que “O cemitério local passa a ser um espaço interessante para exploração de histórias locais, do patrimônio material (expresso nos túmulos e nos objetos) e imaterial (com os costumes, as crenças e os ritos vivenciados naquele local.” (Estacheski, 2022, p. 147). Com o intuito de mostrar como o/a professor/a, de uma forma didática, pode trabalhar além das quatro paredes da sala de aula, até aquele momento, não havia pensado sequer na possibilidade dos vários saberes que o Cemitério Municipal poderia trazer.

O estudo do meio é um importante aliado da prática pedagógica, com resultados satisfatórios para o ensino de história e deve ser integrado ao currículo escolar, em um sentido de aliar teoria e prática, promovendo um processo de ensino e aprendizagem significativa, numa perspectiva do que traz Larrosa Bondía (2002) quando trata sobre experiência e sentido na educação. Sabemos o quanto é desafiador elaborar aulas que aliem teoria e prática, quando o assunto é locomover os/as alunos/as para fora da sala de aula. Nesse caso, as aulas no cemitério da cidade, em museus, praças ou em qualquer outro lugar, devem ser muito bem elaboradas e planejadas, contudo, esse ponto não deve ser um empecilho, é necessário romper com certas barreiras.

O pré-estudo do meio é o apronto da saída e da viagem. Em acordo com os objetivos traçados, essa etapa deve ser pensada, concebida e confeccionada. Podem existir bons estudos do meio sem preparação antecedente, porém, um pré-estudo qualificado, embute maior confiabilidade para consecução de resultados significativos. (Santos e Neto, 2022, p. 278)

Para Edson Joaquim dos Santos e Julia Schneider Neto (2022) essa é uma ferramenta pedagógica fundamental e que deve estar presente no processo de ensino-aprendizagem. Proporcionar aos/as estudantes a oportunidade de explorar ambientes naturais, urbanos, culturais e sociais possibilita uma compreensão mais ampla e contextualizada dos conceitos abordados em sala. Logo, enriquece o aprendizado, estimula a curiosidade, o pensamento crítico e a criatividade. Entretanto, vale mencionar que é fundamental entender que não se trata apenas de uma visita, o “essencial do estudo do meio não se situa ‘no’ local a ser visitado, mas em ‘como’ será visitado, observado, analisado e compreendido.” (Santos e Neto, 2022, p. 278).

É comum se superestimar as capacidades em quaisquer etapas dos estudos do meio. Por isso, o contínuo diálogo entre os profissionais envolvidos – e também a escuta dos estudantes – é fundamental para que os pés se mantenham no chão. (Santos e Neto, 2022, p. 291)

Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski (2022) reforça no texto “Aula no Cemitério: local de memória e ensino de história”, sobre aulas que acontecem fora da sala de aula, e destaca a valorização de outros espaços, que permitem novos olhares e saberes, estimulam um anseio para contar e debater sobre novas

narrativas históricas e, aos significados atribuídos à formação da memória e da história. Isso, certamente enriquece o processo de ensino e aprendizagem. Ao contrário do material didático ou do museu que destacam alguns indivíduos, enquanto deixam de lado outros. Para a autora, o cemitério municipal aceita a pluralidade social e a expõe, tornando-o uma representação da comunidade em que está situado e deve ser compreendido como um museu a céu aberto, e o/a professor/a de história pode explorar esses espaços, trazendo novas possibilidades ao ensino, a educação patrimonial, trabalhar história local e para mostrar como a presença da diversidade nos cemitérios municipais serve como um catalisador significativo para a contemplação do mundo, uma vez que estes espaços apresentam claramente divisões espaciais influenciadas por diversas estruturas sociais, classe, gênero, etnia e questões religiosas. Portanto, abre espaço para discutir novas possibilidades e estratégias educacionais que envolvam os/as estudantes na pesquisa e ao diálogo interdisciplinar entre história, educação e patrimônio cultural.

[...] os rituais em torno da morte, o cemitério e os túmulos, ao serem pensados como bens patrimoniais culturais imateriais e materiais, possibilitam uma compreensão mais ampla da sociedade e da própria elaboração das histórias oficiais. O cemitério é um espaço plural e mesmo destinado ao depósito de restos mortais, nele a vida pulsa [...] Há muito o que se aprender a partir dos rituais fúnebres que anseiam por vida e nos objetos fúnebres que ajudam a lembrar, dando continuidade à trajetória dos sujeitos. (Estacheski, 2022, p. 173)

Perspectivas de Estudantes do 3º ano do Ensino Médio sobre a disciplina de História

A partir dos resultados do questionário aplicado aos/às estudantes do 3º ano do ensino médio das turmas do matutino e noturno da Escola Estadual Fátima Gaiotto Sampaio de Nova Andradina-MS e para uma turma do período integral da Escola Estadual Maria José de Anaurilândia/MS, conseguimos fazer algumas considerações importantes para a nossa pesquisa. O levantamento de dados permite compreender percepções desses/as jovens acerca das aulas de História, bem como suas perspectivas futuras em um contexto de grandes desafios educacionais.

O questionário abarca 14 questões, sendo 9 perguntas que traçam um perfil do/a aluno/a (identificação, idade e situação econômica) e perspectiva de futuro (cursar ou não faculdade e curso técnico), outras sobre quais cursos de graduação ou técnico de maior interesse. Cinco questões são específicas sobre as aulas de História, sendo a pergunta 10, sobre o que consideram das aulas na escola, se importante, desnecessária, interessante ou cansativa e as outras fazem um levantamento sobre o que se recordam de ter estudado na disciplina no ensino fundamental e médio, esse foi um espaço para que os/as alunos/as escrevessem sobre os conteúdos que já estudaram, para que verificássemos o que foi significativo para eles/as.

A pergunta 13 questiona sobre as atividades/aulas em que os/as alunos/as mais se interessaram, em um sentido de entendermos a prática educacional em relação às atividades pedagógicas e demonstrar especificamente a didática do/a professor/a de História. Por último, solicitamos que os/as alunos/as respondessem qual o sentido de estudar história, o olhar do/a aluno/a sobre a disciplina, o nível de importância que se dá e se os estudos até o momento trouxeram significado e significância.

Os dados a seguir, revelam aspectos importantes para a reflexão sobre o cenário atual da disciplina de História e sobre a perspectiva que os/as estudantes almejam para o futuro. Somando os/as alunos/as do período Matutino e do período integral temos:

- Perguntas 1/2/3: No total, 44 alunos/as responderam ao questionário, sendo 25 meninas, 17 meninos e 2 estudantes que não se identificaram exclusivamente como femininos ou masculinos. Essa diversidade de gênero reflete uma pluralidade de experiências e perspectivas que enriquecem a análise dos dados.
- Pergunta 4: Situação de Trabalho e Estudo: Dos/as 44 respondentes, 13 são apenas estudantes, enquanto 31 conciliam estudos com trabalho. Esse dado é significativo, pois indica que a maioria dos/as alunos/as enfrenta a dupla jornada de estudar e trabalhar, o que pode impactar diretamente seu desempenho acadêmico e disponibilidade para atividades escolares, incluindo as aulas de História.

- Pergunta 5: Significado da Escola: A escola é majoritariamente vista como um "Lugar de preparação para o futuro", um "Lugar de conhecimento" e um "Lugar de conhecimento e socialização". Esses resultados evidenciam a importância atribuída pelos/as alunos/as à escola, não apenas como um espaço de aprendizado formal, mas também como um ambiente de desenvolvimento social e pessoal.
- Pergunta 6: Perspectivas para o próximo ano: Quando questionados/as sobre como se veem no próximo ano, a maioria dos/as alunos/as indicou que pretende continuar estudando e trabalhando (23 alunos/as), em um curso técnico (12 alunos/as), cursando a faculdade (3 alunos/as), trabalhando (4) ou cursando o técnico e trabalhando (4 alunos/as). Essa perspectiva de continuidade educacional, mesmo diante das dificuldades, mostra um forte desejo de avanço acadêmico e profissional.
- Pergunta 7: Cursos Pretendidos: Os cursos mais almejados pelos/as alunos/as incluem Direito, Psicologia, Administração, Enfermagem, Medicina e Fisioterapia, com uma predominância na área da saúde. Essa preferência pode ser atribuída à busca por carreiras que ofereçam estabilidade e reconhecimento social, além de uma resposta à valorização crescente dessas profissões no contexto pandêmico.
- Pergunta 8: Cursos Técnicos: A maioria dos/as alunos/as mostrou-se indecisa quanto à escolha de um curso técnico, com 8 alunos/as não respondendo à questão. Entre os cursos mencionados, destacam-se Técnico de Enfermagem e Técnico de Informática. Essa indecisão pode refletir a falta de orientação vocacional adequada e as incertezas econômicas e sociais enfrentadas por esses/as jovens.
- Pergunta 9: Perspectivas de Trabalho: Em relação às perspectivas de trabalho, 8 alunos/as não responderam à questão. Entre os que responderam, os trabalhos mais citados foram nas áreas de Psicologia, Comércio, Saúde e Recepção. Esses dados sugerem uma inclinação para áreas que combinam atendimento ao público e cuidados pessoais, possivelmente influenciada pela necessidade de flexibilidade e proximidade com a comunidade.

A análise dos resultados revela um quadro complexo em que os/as alunos/as das escolas estaduais, majoritariamente de bairros periféricos, demonstram um forte desejo de superação e progresso educacional. No entanto, eles/as também

enfrentam desafios significativos, como a necessidade de conciliar trabalho e estudo e a falta de clareza quanto às opções de cursos técnicos. Os cursos técnicos muitas vezes são preferidos aos cursos universitários por representarem uma possibilidade de diplomação mais rápida para pessoas que almejam vagas mais imediatas no mercado de trabalho.

A educação brasileira tem experimentado diversas mudanças, temos a introdução da Base Nacional Comum Curricular e a implementação do Novo Ensino Médio, diante de todas essas transformações é um momento oportuno de colocarmos uma reflexão em torno do ensino de história. Afinal, que ensino de história queremos e qual a importância, no fim das contas, de se ter a disciplina de história nos currículos escolares? Luis Fernando Cerri (2011) pretende no texto “O ensino de História e Consciência Histórica”, discutir a visão de Jörn Rüsen sobre a didática da história e o quanto está vinculada a uma dimensão do trabalho do/a historiador/a. O autor faz um diálogo com a pedagogia, com a educação, mas afirma que Jörn Rüsen também está pensando em como o ensino de história é também uma responsabilidade do/a historiador/a. Principalmente porque o ensino de História vai lidar com a consciência histórica e com o pensamento histórico.

Para Luis Fernando Cerri (2011), todos os seres humanos possuem um pensamento histórico. Todo mundo pensa historicamente porque todo ser humano está situado no tempo. Todo ser humano possui uma consciência histórica exatamente porque pensa historicamente, e a partir desse pensamento histórico passa a dar significados ao tempo, ao mundo e age a partir das identidades criadas por esses significados. O ponto principal da discussão do autor, amparado nos estudos do autor alemão, Jörn Rüsen, é sobre o trabalhar a partir das consciências históricas e como essas são construídas antes da cientificidade.

Para o autor, o/a professor/a de história, sendo um/a profissional da consciência histórica, ou seja, aquele/a que sabe construir, moldar as consciências históricas, vai trabalhar a consciência histórica do/a aluno/a dentro da sala de aula. Mas trabalhar em qual sentido? Em um sentido de criar uma perspectiva a partir das ideias, aquilo que chama de identidades razoáveis (Cerri, 2011, p. 82), isso quer dizer que como professores/as de História não é nosso objetivo, a priori, com a consciência histórica do/a aluno/a, o objetivo não é sobre determinar a identidade do/a mesmo/a, mas, levá-lo a construir a sua própria história, identidade, a sua orientação no mundo, ou seja, a significar o mundo do modo como ele/a preferir

significar esse mundo, claro tudo isso dentro desse padrão de razoabilidade que o autor estabelece.

Nessa perspectiva o intuito como professor/a não é moldar uma consciência histórica, mas elaborar uma consciência histórica, torná-la mais complexa para que esse aluno/a saiba ser e estar no mundo a partir daquilo que ele/a entende como melhor, sem qualquer doutrinação. O ponto é esse, para Cerri (2011, p.132), o/a professor/a de História é muito mais um/a mediador/a da consciência histórica do que efetivamente um/a transmissor/a do conhecimento ou de conteúdos, “[...] um dos efeitos mais importantes do conceito de consciência histórica é recolocar o papel do professor de história [...]”. Assim, é ilusório pensar em um ensino desvinculado de qualquer conteúdo, no entanto é preciso compreender como essa concepção do ensino de História fundada na didática da História e na consciência histórica traz implicações muito mais relevantes para a prática docente pelo modo como nós organizamos o nosso trabalho. O autor (Cerri, 2011, p. 116) aborda a necessidade de pensarmos um foco muito maior na aprendizagem histórica do que necessariamente no ensino, “o objetivo da educação não é formar a consciência histórica, no sentido de pressupor que ela não exista no educando.” (p. 128). É preciso pensar em como aprender história, como se aprende historicamente e como esse aprendizado histórico pode contribuir para a vida prática dos/as alunos/as.

Com isso, os conteúdos, as fontes, serão tratadas nesse intuito, o de aprender historicamente e a partir desse aprendizado histórico construir significados para o tempo e para a realidade, essa é uma nova proposta de ensino de história (Cerri, 2011) na qual estamos muito mais inclinados/as à aprendizagem do que aos conteúdos, isso muda completamente como organizamos a nossa prática docente. Mas, é preciso pontuar que o objetivo central da pesquisa, não é apontarmos “defeitos”, quando abordamos o ensino dos/as professores/as, a intenção não é a de culpabilizar o/a professor/a, de destacar práticas pedagógicas engessadas ou envelhecidas, se trata apenas de propor uma discussão que possa levar a algumas reflexões sobre os principais desafios no ensino de História e da proposta de uma educação vinculada à consciência histórica.

Contudo, é pertinente sempre lembrar que apenas tais reflexões não irão resolver o problema da educação, sabemos que existem problemas maiores, de caráter estrutural, social e etc, mas pode ser um começo, uma discussão importante

que tem por objetivo propor uma educação e ensino de qualidade, que gere significância e significado no processo de ensino e aprendizagem de História.

Isto posto, vamos refletir sobre as respostas dos/as estudantes sobre as aulas e conteúdos de História na educação básica. Aos serem questionados/as sobre o que se recordam de terem estudado nas aulas de História no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a maioria citou apenas temas gerais que são recorrentes na educação básica, como Primeira ou Segunda Guerra Mundial, Pré-História, Ditadura Militar ou ainda, o conceito superado de “Descobrimento” do Brasil. Não houve um relato sobre o que, dentro desses conteúdos gerais, foi significativo para os/as estudantes. Embora, um/a aluno/a tenha dito não se lembrar de nada dos conteúdos do Ensino Fundamental, entendemos que essa forma evasiva de responder não significa que não tenham efetivamente apreendido algo desses conteúdos, pois isso pode refletir também o desinteresse em responder a questão de forma mais extensa.

Ao responderem sobre as atividades que mais lhe marcaram em suas trajetórias escolares nas aulas de História, aulas dinâmicas, debates e estudos de eventos específicos parecem ser mais eficazes para engajar os/as alunos/as e despertar interesse, dados que nos levam a compreender o quanto é importante repensarmos práticas pedagógicas calcadas apenas em exposições teóricas.

A partir dos dados coletados, foi possível observar em uma maioria, que os/as estudantes mencionaram eventos históricos globais, como Primeira e Segunda Guerra Mundial, como conteúdos históricos que mais lhe interessavam, o que demonstra o quanto o ensino de história ainda é pautado por uma ideia europeizada, ao valorizar conteúdos e temas ligados aos grandes eventos globais.

Nessa visão é vital, não apenas adotar práticas de ensino com foco no engajamento do/a aluno/a, mas despertar um profundo sentimento de pertencimento e, ao mesmo tempo, capacitar os/as estudantes a reconhecer e combater as injustiças. Para isso, outros/as temas e conteúdos devem ser abordados em sala de aula e estar nos currículos escolares, como conteúdos ligados a Cultura afro-brasileira, as pautas indígenas, a história das mulheres, a história local, do município, das pessoas “comuns”. Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1970) discute a importância de uma educação crítica e consciente das realidades sociais. Ora, se a história é mais do que uma mera sucessão de datas e eventos, a narrativa da humanidade, moldada por ações, ideias e lutas que permearam o tempo, deve

fazer parte do dia a dia do aluno/a nas salas de aula. O ensino da história não pode ser reduzido a uma versão simplificada e homogeneizada, deixando de lado perspectivas importantes e histórias marginalizadas.

Os/as estudantes devem ser incentivados a explorar diferentes fontes, como testemunhos, documentos, literatura e música, que enriquecem a compreensão dos eventos históricos e suas múltiplas facetas. Maria Auxiliadora Schmidt (2011) em uma citação sobre Jörn Rüsen e Paulo Freire, mostra que “[...] a consciência histórica só pode existir na relação com a vida prática e na confluência com o outro, porque essas relações são fundamentais para a compreensão do mundo.” Sendo assim, a consciência para Freire está diretamente ligada a intencionalidade da consciência e como ela promove mudanças no ser. Para Rüsen, o pensamento histórico não é diferente da realidade. Logo, o trabalho do/a historiador/a decorre de uma necessidade de explicação existencialmente orientada da ação em um dado contexto. Sua origem e propósito ocorrem na vida cotidiana.

Desta forma, aponta Maria Auxiliadora Schmidt (2011, p. 36-37):

Na esteira do pensamento de Rüsen e Freire, no momento em que os sujeitos se aproximam crítico-geneticamente do passado e o reconhecem como algo que diz respeito a si e ao outro, podem apreendê-lo não como algo abstrato, mas como um desafio histórico, em sua relação contraditória com a desumanização que se verifica na realidade objetiva em que estamos. [...] o interesse é despertado porque há algum tipo de identificação dos sujeitos com questão suscitada. Essa identificação pode provocar a busca de explicações, de respostas críticas, podendo chegar a construção de contextualizações metódicas do passado, contribuindo para a expansão das identidades, individuais ou coletivas.

Para Fernando Seffner (2000, p. 268): “A leitura histórica do mundo busca constituir-se como experiência na vida do aluno, capaz de auxiliá-lo a formular um projeto de vida para o futuro.” Por esse lado, o ensino de História permite a oportunidade de vivenciar experiências que os/as desafiem. Para alcançar aprendizagens significativas, é essencial um planejamento que se conecte com os conhecimentos prévios dos/as estudantes, partindo de seus esquemas de entendimento. Esse processo deve incentivá-los/as a explicitar suas hipóteses sobre o tema em questão e a dialogar com conhecimentos de outras áreas. (Seffner, 2000, p. 271-272)

A pergunta número 13 (treze) do questionário aplicado, revela que os/as alunos/as compreendem o estudo da História como importante para entender o

passado, os/as antepassados/as, o contexto político e social, para desenvolver um senso crítico sobre o mundo. Para alguns/mas, esse é ponto principal sobre o sentido de estudar História:

“Para entender sobre o passado e como ele influencia o presente, o porquê das coisas e como são”.

“Entender a história de uma maneira diferente do que aconteceu, do jeito certo”.

“Conhecer os que vieram antes de nós”.

“Vejo que a História tem um certo papel de desenvolver o lado crítico dos alunos, dependendo da forma como você aprende e pode mudar sua opinião e ideias.”

“Aprender mais sobre o nosso passado, descobrir como nossos antepassados vieram, descobrir o motivo do porque de tantas leis e ideias deram errado e aprender como funcionava viver em certas épocas e anos atrás”.

Alguns alunos/as expressaram descontentamento com métodos de ensino considerados repetitivos ou pouco aprofundados.

“[...] professores seguem receita de bolo, não aprofundam os assuntos, passam pelos conteúdos como se fosse museu, olha e sai. Às vezes pode ser somente o ensino da escola pública.”

Outros/as alunos/as destacam a importância de estudar História para compreender o presente, evitar repetições de erros do passado, desenvolver conhecimento crítico e entender uma evolução da sociedade:

“Ajuda no conhecimento histórico, a compreender o homem enquanto ser que constrói no tempo.”

“A história estuda as evoluções do tempo do mundo e do homem.”

“É muito importante pois, podemos refletir sobre os erros do passado e não cometê-los no futuro ou no presente.”

Logo, observamos que há uma compreensão múltipla e reflexiva sobre o sentido de estudar História, estudantes identificam vários aspectos significativos que justificam o estudo da disciplina. A partir dos dados, podemos identificar temas, comumente destinado ao ensino de História e como os/as alunos/as a percebem, os principais são:

1. Compreensão do Passado e Influência no Presente: uma percepção que sublinha a importância de reconhecer a continuidade histórica e como eventos passados moldam as circunstâncias atuais. Essa perspectiva é fundamental para a formação de cidadãos/ãs informados/as que compreendem a evolução das sociedades e as razões subjacentes aos eventos contemporâneos.
2. Valorização dos/as Antepassados/as: Remete a ideia do reconhecimento dos/as antepassados/as e suas contribuições para a sociedade atual, reflete uma dimensão de identidade e pertencimento cultural. Estudar a História permite que os/as estudantes situem-se em uma linha temporal contínua, valorizando suas raízes e tradições.
3. Desenvolvimento do Pensamento Crítico: A História é vista como uma ferramenta crucial para a formação do pensamento crítico. Ao analisar eventos históricos, os/as estudantes são incentivados/as a questionar, refletir e formar suas próprias opiniões, o que é essencial para a cidadania ativa e consciente.
4. Compreensão do Contexto Político e Social: Compreender que o estudo da História oferece *insights* sobre a evolução das estruturas políticas e sociais, ajudando os/as estudantes a entenderem as dinâmicas de poder, mudanças sociais e os processos históricos que moldaram as sociedades contemporâneas.
5. Evitar a Repetição de Erros do Passado: Este aspecto enfatiza a função pedagógica da História como uma ferramenta para a aprendizagem moral e ética, promovendo uma sociedade mais justa e consciente.

Alguns/mas estudantes expressaram descontentamento com os métodos de ensino utilizados: “Professores seguem receita de bolo...”, esta crítica revela uma insatisfação com abordagens pedagógicas consideradas superficiais e mecânicas. Isso aponta para a necessidade de métodos de ensino mais interativos, profundos e contextualizados, que engajem os/as estudantes e tornem o aprendizado de História mais significativo e relevante.

As respostas dos/as estudantes indicam que eles/as percebem a História como uma disciplina essencial para a compreensão do passado e do presente, valorização da identidade cultural, desenvolvimento do pensamento crítico e aprendizado ético. Também há um claro apelo por metodologias de ensino mais dinâmicas e envolventes, que possam superar a percepção de superficialidade e repetição. Uma dualidade que aponta para um desafio contínuo na área de ensino

de História: como tornar o aprendizado histórico uma experiência que faça sentido, de modo relevante e transformador para os/as estudantes do Ensino Médio?

Considerações finais

A escola pública brasileira enfrenta desafios significativos, como a desigualdade de acesso à educação de qualidade e a necessidade de adaptação às novas diretrizes educacionais, incluindo as mudanças previstas pelas Leis do Novo Ensino Médio e as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas leis influenciam diretamente as disciplinas de ciências humanas, incluindo a História, ao estabelecerem novas formas de organização curricular e competências a serem desenvolvidas.

Contudo, é necessário um esforço coletivo para que essas mudanças promovam uma educação mais inclusiva e que respeite a diversidade cultural e social dos/as estudantes. Somente assim será possível transformar a disciplina de História em uma ferramenta poderosa para a compreensão crítica da experiência humana e a formação plena e significativa de cidadãos/ãs informados/as e conscientes.

A experiência de 18 meses no Programa Residência Pedagógica revelou problemas que necessitam de reflexão e tomada de providências, tais como a apatia dos/as alunos/as, a sobrecarga de alunos/as trabalhadores/as e a desvalorização dos/as professores/as, além do impacto negativo dessas mudanças curriculares recentes. Apesar da percepção de que a disciplina de História é importante e interessante, os/as estudantes demonstram desinteresse e baixa participação nas atividades propostas, resultando em um aprendizado superficial. Esta discrepância entre a percepção de importância e o engajamento efetivo é um problema central que precisa ser amplamente abordado.

A revisão da literatura e as observações diretas nas salas de aula indicam que metodologias tradicionais, predominantemente expositivas, são insuficientes para engajar os/as alunos/as. Para isso, a autora Isabel Barca defende abordagens mais interativas e reflexivas, como a "Aula Oficina", que conecta o conteúdo histórico à realidade vivida pelos/as alunos/as, promovendo uma compreensão crítica e contextualizada da História. Além disso, uma aprendizagem em uma perspectiva

que traga experiência/sentido, conforme discutido por Jorge Larrosa Bondía, deve ser incorporada ao processo educativo para tornar o aprendizado mais significativo.

Por isso destacamos a consciência histórica, como há muito apontam Jörn Rüsen, Isabel Barca, Luis Fernando Cerri, entre outros/as autores/as, como um aspecto fundamental no processo de ensino e aprendizagem de História, pois envolve a capacidade de situar o presente em relação ao passado, compreender as transformações ao longo do tempo e reconhecer a importância do contexto histórico para a formação da identidade individual e coletiva. Desenvolver essa consciência é essencial para que os/as alunos/as não apenas memorizem fatos, mas também adquiram uma visão crítica e reflexiva sobre a realidade, promovendo um entendimento mais profundo dos processos históricos e suas implicações no presente.

Em suma, para enfrentar os desafios do ensino de História, é necessário um esforço conjunto que envolva a revisão das práticas pedagógicas, a valorização dos/as docentes e a implementação de políticas educacionais que reconheçam a importância das ciências humanas no currículo escolar e sobretudo refletir de forma contundente sobre a importância de um ensino voltado para a aprendizagem histórica, pensarmos sobre a importância de um ensino de história em uma perspectiva pautada na experiência e sentido.

Referências Bibliográficas

BARCA, Isabel (Org.). **Educação e consciência histórica na era da globalização**. Braga: Centro de Investigação em Educação, 2011

CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber o professor de História**. História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015

CAPES. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica** / Luis Fernando Cerri. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

ESTACHESKI, Dulceli de Lourdes Tonet. **Aula no cemitério: local de memória e**

ensino de história. In: Paulo Souto Maior; Ângelo Emílio da Silva Pessoa; André Mendes Salles. (Org.). Saberes históricos, patrimônio e espaços de memória. 1 ed. João Pessoa: CCTA, 2022, v. 2, p. 147-176

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

SANTOS, Edson Joaquim dos e NETO, Julia Schneider. **O Estudo do Meio como prática pedagógica regular.** In: Paulo Soto Maior; Ângelo Emílio da Silva Pessoa; André Mendes Salles. (Org.). Saberes históricos, patrimônio e espaços de memória. 1 ed. João Pessoa: CCA, 2022, v. 2, p. 275-292

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A Cultura como Referência para investigação sobre Consciência História: Diálogos entre Paulo Freire e Jörn Rüsen.** Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica realizadas de 15 a 18 de Julho de 2011, Instituto de Educação da Universidade do Minho / Museu D. Diogo de Sousa, Braga.

SEEFNER, Fernando. Teoria, Metodologia e Ensino de História. In: **Questões de Teoria e Metodologia da História.** Porto Alegre: Edit. da Universidade, UFRGS, 2000, p. 257-28